

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Insurreição escrava e literatura em páginas de jornais (1878) **TEXTO DO RESUMO – PROVISÓRIO**

Em abril de 1878 a *Gazeta de Notícias* deu início à publicação do romance *O reino encantado: crônica sebastianista*, de Tristão de Alencar Araripe Júnior. A história versava sobre um movimento messiânico, de cunho sebastianista, que ficou conhecido como “Pedra Bonita” ou “Pedra do Reino”. Ocorrido nos sertões de Pernambuco entre os anos de 1836 e 1838, o movimento reuniu centenas de pessoas, incluindo escravos fugidos, que abandonaram seus trabalhos nas fazendas locais em busca de um novo reino de igualdade, justiça e liberdade. O encontro e a solidariedade entre trabalhadores rurais, sertanejos livres, índios e escravos acabou inquietando os poderes locais que, em resposta, partiram em dura ofensiva. Dispersado o movimento, restaria o saldo de 53 mortos e outros tantos presos. A história, contada por Araripe Júnior em forma de romance-folhetim, já havia sido, entretanto, tema do livro *Fanatismo religioso: memória sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado*, escrito em 1875, por Antonio Áttico de Souza Leite. Episódio que se tornou célebre na memória popular nordestina, a história do Reino da Pedra recebeu diferentes leituras e interpretações ao longo dos anos. Em 1875, por exemplo, em prefácio à obra de Souza Leite, o conselheiro Tristão de Alencar Araripe, pai de Araripe Júnior, atribuía ao movimento diversos aspectos negativos, entre eles um caráter “socialista”, pelo ataque que ele empreendia à propriedade privada. Anos depois, Araripe Júnior, certamente inspirado na obra do memorialista e conhecedor do prefácio do pai, decidiu recontar a história, mas agora jogando luz em novos aspectos, entre eles a escravidão. No rodapé do maior jornal da cidade, ele punha então em cena um movimento repleto de quilombolas, que protagonizavam uma grande rebelião escrava em uma das fazendas da localidade. Nessa disputa de sentidos, a proposta dessa apresentação é fazer uma leitura do folhetim de Araripe Júnior em diálogo com uma sistemática análise das outras colunas da *Gazeta de Notícias* no momento da publicação do romance, buscando, assim, compreender não só algumas das escolhas do autor da obra, bem como a decisão do jornal de abrir espaço para esse tipo de abordagem – em especial pelo trato que dava ao tema da escravidão – na popular seção dos folhetins, tudo isso articulado ao contexto político – nacional e internacional – imediato da publicação. Segundo a *Gazeta*, a história que começaria a publicar não era um “trabalho só de imaginação”, mas baseava-se nas “tradições e lendas” que ocorriam no “norte do império”. Afirmava ainda que, “pelo bem combinado da ação”, o romance devia agradar “à grande massa de leitores” que, como de costume, buscavam “fortes emoções”. Contudo, por trás de promessas genéricas, típicas das propagandas de folhetins, havia, na verdade, um romance que articulava trincheiras políticas caras (e explosivas) em 1878, ano que se iniciava, entre outras coisas: com o retorno do partido Liberal ao poder e a retomada de antigas promessas de reforma do império brasileiro; efeitos da seca no Ceará, que provocou não só a migração de milhares de pessoas pelo Brasil como também um aumento no tráfico interno de escravos rumo ao sudeste; e, por fim, notícias sobre revoltas populares e movimentos de operários, chamados de socialistas, espalhados pelo velho continente.

Esta apresentação está articulada com meu atual objetivo de pesquisa, que consiste em analisar romances-folhetins publicados na imprensa carioca entre as décadas de 1870 e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1890, especialmente na *Gazeta de Notícias* (então o periódico de maior tiragem do Império), articulando seus temas e sentidos às outras colunas do jornal, tais como as que veiculavam notícias vindas do exterior. Coluna ainda pouco explorada pela historiografia, as correspondências internacionais pautavam e estabeleciam interlocução cotidiana entre jornais brasileiros e estrangeiros em temas caros àquele momento histórico, tais como trabalho, raça, escravidão, liberdade, cidadania e democracia. A proposta é analisar romances-folhetins publicados na imprensa carioca, buscando observar como eles estavam interligados, de alguma maneira, aos debates políticos sobre questões como a ampliação da cidadania para homens, mulheres e ex-escravos. Partindo do pressuposto que grande parte desses folhetins publicados no Brasil vinha do estrangeiro, especialmente da França, Inglaterra e Estados Unidos, a ideia é cotejar e articular a análise desses romances com aquilo que estava saindo na imprensa internacional. Busca-se compreender a lógica da seleção desses folhetins feita pelos jornais brasileiros, atentando-se para as possíveis conexões políticas dessas escolhas tanto com o contexto em que esses romances eram publicados quanto com o que circulava nas outras colunas dos periódicos estudados. Ressalta-se que a pesquisa da qual origina-se esta apresentação é pensada a partir do pressuposto da circulação transnacional de uma série de debates sobre cidadania, feitos em diferentes contextos sociais, ocorridos tanto na Europa quanto na América.